AIMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO - Affonso Vargas

ASSIGNATURA

Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega. 3030 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros. 3200 s Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros 13200 s Numero avulso. 3000 s

Publicação quinzenal

N.º 14 Abril de 1886

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor, Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

O NOSSO RENASCIMENTO

XIII

QUESTÕES DE ENSINO

Um dos factos que mais prova como, felizmente para a civilisação, se vae entrando pouco a pouco, mas de vez, n'um periodo verdadeiramente reconstructivo e organisador das energias sociaes, é a convicção, que começa a dominar todos os espiritos, de que ao lado, ou antes acima das questões politicas, que, embora agitadas e tempestuosas, pouco resolvem e definem, se levantam as questões sociaes, envolvendo uma politica muito mais alta e muito mais fecunda, e apresentando ao exame e ao criterio dos pensadores problemas muito mais complexos, e muito mais importantes, e que estão destinados a occupar o primeiro logar nos cerebros regularmente equilibrados, a ponto de já hoje publicistas, que devem ser insuspeitos para a democracia, chegarem a formular esta pergunta embaraçosa e difficil:-se o extremo de certas theorias politico-liberaes não conduzirá ao excesso opposto de que tanto se ambiciona fugir, e com a circumstancia aggravante de ser pelo suffragio e pela liberdade que se voltaria ao peior de todos os absolutismos—o absolutismo do numero.

E por fracos que aos impugnadores de taes postulados pareçam os argumentos em que elles se fandam não são tão faceis de rebater, como querem fazer acreditar-nos aquelles que na sociedade miram apenas ao ideal de convulsionar os animos sem lhes fornecer, porém, com um criterio seguro, elementos justos de analyse e bases serias, para crear modos de ser novos.

E por isso que as escolas socialistas economicas, que tantos agitadores inconscientes julgavam mortas, ou pelo menos reduzidas ao typo anarchico e dissolvente, que algumas d'ellas gizam, renascem agora com mais força e com elementos novos de investigação e de estudo, solicitando o criterio dos estadistas mais eminentes como Bismarck e Gladstone, e dos governos mais illustrados como a Inglaterra.

O capital, nas suas relações com o trabalho e nas suas multiplices modalidades e applicações, occupa, pois, novamente a attenção dos economistas, e as infinitas faces d'este problema procuram mais uma vez solução.

Com effeito, as questões de mera especulação philosophica, sobre qual será, por exemplo, a melhor fórma de governo, entre tantas que se digladiam, parece não interessarem já em alto grau a sympathia dos que vão na frente do movimento contemporaneo, como de quem vê que antes de substituir-se a simples peça de uma engrenagem por outra, ha muito maior numero de peças a transformar.

E a prova de que o facto do primeiro magistrado de uma nação, por exemplo, ser electivo ou hereditario, aliás um facto moral de importancia, não vem por si só modificar a estructura d'esse organismo que se chama um estado, é que as chamadas questões economicas, as questões sociaes, emfim, subsistem da mesma fórma e com igual importancia nos povos que se regem por um systema electivo, e n'aquelles onde ainda domina o elemento hereditario.

É certo que será aquelle o que tende a triumphar n'um futuro mais ou menos distante, em virtude da lei social, a lucta pela civilisação, porque quando um velho orgão já não encontra funçção, as mesmas forças que o produziram hão de eliminal-o, e é isso o que se dá com as formulas hereditarias, que, não sendo além d'isso substituídas a tempo, começam a converter-se n'um principio perturbador e dissolvente; mas o que, por ora, ninguem póde contestar é que essa solução seria precipitada e desastrosa, e todos os que, portanto, contribuirem para apressal-a, longe de prestarem um serviço á sciencia e á humanidade, mostram apenas falsear uma e desconhecer outra.

Eis por que as attenções se voltam naturalmente para outros pontos, que são, por assim dizer, em sociologia o que são na serie animal os anneis anteriores a esse ultimo termo, o homem, e da mesma fórma que ninguem perceberia a historia d'este vertebrado sem conhecer primeiro os seus antecedentes, ninguem conseguirá explicar com um facto isolado a conveniencia de mudar um magistrado por outro, continuando o resto do mechanismo que esse magistrado dirigia a ser o mesmo.

E preciso mais e melhor. Convem estudar de per si todas as relações do individuo com o estado, regularisar e harmonisar as suas diversas forças componentes, moderar a acção expansiva de umas e dar maior latitude á força absorvente de outras, levar a acção tutelar official até onde ella deve e póde ir, e ao mesmo tempo parar justamente na linha demarcante da sua iniciativa e da iniciativa particular, finalmente, por uma natural equiponderação de responsabilidades não esmagar o natural desenvolvimento dos cidadãos com a força compressiva da regulamentação em tudo e para tudo. Eis as verdadeiras questões que devem suscitar a curiosidade dos que estudam e dos que desejam servir, sem preconceitos de nenhuma ordem, o verdadeiro espirito da civilisação moderna.

A RIQUEZA E A MISERIA NA GRAN-BRETANHA

Ш

O regimen feudal foi tão firmemente implantado e lançou tão profundas raizes em Inglaterra, que ainda hoje, a despeito das novas reformas operadas em quasi todas as nações da Europa, as suas nefastas consequencias se fazem ali sentir. A propriedade do solo, sobretudo, resente-se mais directamente do effeito d'esse regimen, poisque, não podendo ser alienada ou dividida, conserva-se vinculada de geração em geração, e com caracter de perpetuidade, na posse dos primogenitos das familias nobres da Gran-Bretanha. E assim que a aristocracia ingleza está completamente senhora de todo o dominio territorial, cujo valor seria difficil calcular. Algumas familias têem conseguido mesmo englobar, em virtude de allianças matrimoniaes realisadas entre si, tão vastas extensões de terrenos, que serios murmurios se têem ultimamente levantado na opinião publica, e tudo leva a crer que este estado de cousas não será de longa permanencia, e soffrerá em breve uma transformação radical.

O bill de Mr. Gladstone ácerca da compra dos terrenos na Irlanda, além de outros factos mais, que corroboram o nosso parecer, indicam já clara-

mente o inicio d'essa transformação.

Ainda não ha muitos dias que Mr. Saunders, apresentando á camara dos communs uma proposta de lei tendente a elevar o imposto sobre a propriedade, depois de reforçar a sua proposta com esclarecimentos muito interessantes, acabou por chamar particularmente a attenção do governo sobre a grandeza e valor colossal da propriedade do solo de que alguns membros da aristocracia britannica são actualmente possuidores.

Quem não ficará com effeito surprehendido ao saber que o solo da cidade de Londres pertence quasi exclusivamente a tres familias?—Comtudo assim é, e essas tres familias são hoje representadas pelo duque de Westminster, pelo duque de Bedford

e pelo duque de Portland.

Os terrenos sobre que está construida actualmente a cidade de Londres não formavam n'outro tempo parte da cidade, eram simplesmente propriedades ruraes situadas nos seus suburbios; mas, com o grande desenvolvimento e vastas proporções que ella tem tomado, o que ainda ha pouco era apenas arrabalde tornou-se hoje precisamente o coração da cidade.

Belgravia, por exemplo, que ha tres seculos era apenas uma propriedade agricola situada ao sul de Kensington, e de tão pouca importancia que o seu rendimento não excederia a uma centena de libras, rende actualmente ao duque de Westminster a ba-

gatella de 4 milhões annuaes.

Mas como é que, não podendo o solo ser vendido, esses terrenos estão cobertos de edificações? A resposta é simples: o proprietario não póde vender, mas póde aforar. Raras vezes pertence ao proprietario do terreno o edificio que sobre elle se levanta. A pessoa que deseja edificar uma casa, ou seja para sua habitação ou simplesmente para especular, tem de ser foreiro, ou antes tomar de aluguer, por um certo praso, o espaço de terreno que precisa para a edificação que intenta construir, pagando logo no acto do contrato o chamado building lease (arrendamento para construcção), tendo que pagar além d'isso annualmente uma certa quantia a titulo de fôro. Estes prasos regulam geralmente entre sessenta e noventa annos e ao fim d'elles o edificio, no estado em que estiver, fica pertencendo ao proprietario do terreno em que foi construido. D'esta fórma, a pessoa que mandou fazer um predio nunca chega a ser realmente proprietario absoluto d'esse predio, porque não é com effeito mais que simples usufructuario.

D'aqui origina-se uma serie de factos secundarios que não deixam comtudo de ter certa importancia. Um d'elles, por exemplo, é a pouca solidez e estabilidade das construcções; porque quem manda fazer um edificio, sabendo que no fim de sessenta ou noventa annos esse edificio deixa de lhe pertencer, trata de arranjar as cousas de modo que elle não dure mais que esse tempo. As habitações das classes pobres, sobretudo, são feitas de tal modo, que parece impossivel como n'ellas podem viver seres humanos. Extremamente acanhadas, sem condições hygienicas, sem luz, construidas de madeira ou do tijolo mais ordinario, os seus locatarios sofferem horrivelmente no inverno, accumulados n'esses antros, onde pelas fendas e rupturas penetra o ar

humido e frigidissimo do exterior.

Escusado nos parece dizer que de anno para anno o valor do solo augmenta, e como consequencia directa augmentam proporcionalmente as grandes fortunas que a aristocracia já desfructa. Que importa que alguns d'esses nobres gentlemen gastem desregradamente, e que para isso empenhem ou hypothequem os rendimentos de alguns annos? Passado esse tempo, o fundo inamovivel lá está, e a sua fortuna fica novamente consolidada. Pois ha alguns que bem cedo começam a dissipar os seus haveres, até mesmo quando ainda andam nas aulas. Os agiotas lá os vão procurar a Oxford e Cambridge para lhes offerecerem os seus servicos e incutir-lhes no animo que um lord deve gastar como um lord, e é por isso que alguns ao saírem das universidades ja têem hypothecados os rendimentos de um certo numero de annos. Ha tambem exemplos de previdencia da parte de alguns d'esses fidalgos extravagantes e dissipadores, a qual consiste em aproveitarem-se da moderna instituição dos seguros sobre vidas, para assegurarem aos seus primogenitos uma pensão com que possam viver com o fausto inherente á sua alta jerarchia, bem como para poderem prover á sustentação dos irmãos mais novos que, segundo a lei, estão na directa dependencia do morgado. Alguns seguram mesmo as vidas em quantias avultadissimas, porque têem a certeza que os seus herdeiros não poderão tão cedo começar a receber os rendimentos da propriedade, em consequencia d'esses rendimentos pertencerem aos agiotas a quem foram penhorados até ao integral pagamento das dividas contrahidas.

O marquez de Aylesford, por exemplo, que falleceu o anno passado em Londres, tinha a vida segura em 20 milhões em diversas companhias inglezas e americanas! Como complemento interessante diremos que a sua morte está dando logar a um processo curioso e originalissimo. Segundo pretendem as companhias seguradoras, o marquez não morreu; a sua morte não passa de uma mystificação.

Não sabemos se o facto tem fundamento, antes nos inclinâmos a crer que o marquez effectivamente morreu; mas, seja como for, o que sabemos é que este marquez de Aylesford que contava apenas trinta e cinco annos quando falleceu, foi tão excessivamente perdulario, que teve a habilidade de dissipar em tão poucos annos a enorme somma de 60 milhões!

Estes factos não se commentam; diremos apenas que d'estes dissipadores ha bastantes em Inglaterra, n'esse paiz em que a miseria e a indigencia são tão grandes, que morrem annualmente centenas de pessoas de frio e de fome!

Scenas da vida academica

PEPITA

(Esboço do natural)

Só no começo de novembro se abriram as aulas. O inverno começára já. Os dias succediam-se chuvosos, uma chuva intermittente, ás rajadas; grandes nuvens que escureciam re-pentinamente o quarto pequeno e que desabavam ruidosa-mente, n'uma batega furiosa, no zinco das mansardas. Mas quasi sempre, pela tarde, havia uma aberta larga, o vento forte empurrava então com uma velocidade incrivel ondas de nu-vens cor de chumbo, de fórmas rasgadas, que se succediam aos borbutóes.

O mais caseiro dos tres que se continha no quarto, abafa-do, chupando cigarros, alegre sempre, era o Cruz. Questán de habito! O Thomé da Cruz, fora sempre o Cruz para os colle-gas. Estatura media, cara arredondada e franca, o labio superior pennugento, revirado e sensual. Os collegas chamavam-lhe —bom rapaz.— Nas aulas era dos medios: caminhava sempre igual, modesto, sem enthusiasmo nem desastres

Passava a tarde inteira em casa, e á noite, depois de ter passeado vinte vezes o quarto todo, accendia a cantarolar o candieiro, chamava com um: « vá meninos » brincalhão o Sousa e o Medeiros e abancava.

E emquanto o Cruz passeava lá dentro, o Sousa e o Medei-

ros encostavam-se á varanda.

ros encostavam-se á varanda.

A rua molhada, lamacenta, reflectia nas poças pedaços brancos de casa e fórmas exquisitas, vermelhas, dos beiraes. Dos lados nos passecios de um branco humido, passava gente depressa a chapinhar. Senhoras de saias arregaçadas equilibravam-se nas botinas de tacões altos, deixando umas pegaditas, borreletes de lama premida que lhes desenhavam as palmilhas; homens de passo largo e chapéu de chuva em riste, pingando, ruidavam atraz de si o chap das botas largas, e garotos de calca arregaçada e cara suja arrastavam os pés pela valleta, por onde uma agua de um amarello vivo corria veloz para a sargeta.

O Martinho da mercearia defronte, as mãos enterradas nos bolsos do seu muito visto e amarrotado casaco de linho, batia os pés na lagea gasta e lustrosa da porta, e espreitava a rua e os predios, o nariz roxo de frio, farejando, a cara gorda e luzidia de provinciano.

O Silverio da botica, por baixo, questionava aspero com o astronomies de lada en cara como en como este consenso de lada en cara como este consenso de la como este consenso de la como este como este consenso de la como este como e

estanqueiro do lado, que saíra cuidadosamente fóra da porta, nos seus tamancos altos, o pescoço abafado n'um cache-nez preto, e os oculos a descerem no seu nariz adunco de raiações

vermelhas.

E emquanto o estanqueiro batia as costas da mão direita E emquanto o estanqueiro batul as costas da inao durden an anlama da mão esquerda, a convencer, o Silverio de riso boçal a cofiar cuidadoso a ponta aguda da sua barba preta curta, deitava uns olhares languidos e significativos á vizinha defronte, a menina Guedes, a Martiniana Guedes, de cara marga e cintura delgada. Por baixo, no primeiro andar a mulher do merceeiro, uma martona gorda, de pellos no queixo, fulmido merceeiro, uma martona gorda, de pellos no queixo, fulmido merceeiro. do merceero, uma marrona gorda, de peños no deceso, man-nava, com uns olhares furiosos de goraz, o Silverio. E as velhas de cima, as manas Albuquerques, baixas, fungando sempre, agarravam com as mãos magras os ferros da janella, para olharem para baixo.

Ao fundo da rua, de quando em quando, algum trem atravessava rapido com uma ruido breve, forte, que se ía perder

logo no echo confuso da cidade inteira. É depois de jantar, antes do « yá meninos » do Cruz, o Medeiros e o Sousa repassavam rindo, os ridiculos dos vizinhos. Espaçadamente a Guedes espreitava de revez, p'ra cima, mostrando todo, puxado a um lado, o branco brilhante da sclerotica. As velhas quando os viam empurravam-se mutuamente para dentro e iam espreitar pela cortina de cassa que forrava discreta e interiormente a janella. O Silverio, notando o olhar da Guedes, saía então ao meio da rua, e retesando nervosamente as pernas altas, atirava a cabeça p'ra traz e dizia-lhes com a mão estendida um adeus risonho. Então defronte a merceeira, attenta sempre furiosamente no Silverio, deitava um olhar corrido, em arco que começava encolerizado no boticario e acabava com um ar de despiezo no outro extremo da rua.

Mas o Cruz accendia a luz, o «vá meninos» chegava sempre brincalhão, e os dois fam p'ra dentro a rir ainda do olhar en-

golhado da matrona.

Cantarolando sempre o Cruz sentava-se sem esforço, puxa-va a torcida ao candieiro, embrulhava dois cigarros, empinava uma rima de livros, encostava-lhe outro e ficava calado, attento e a fumar, hora e meia. Depois levantava-se, passeava de-vagar um pedaço, no espaço apertado do quarto, e desappare-cia no corredor, no mesmo passo de passeio. A noite não estaya p ra mais. Os outros dois n'uma só banca estudavam tambem, e o Sousa era o primeiro que se levantava repuxando o bigode, para se ir estender ao comprido em cima da cama, as pernas traçadas e o braço estendido, segurando o livro inclinado; e quando logo atraz o Medeiros fechava ruidosamente o livro, lá de dentro vinha um repinicar telintado

de guitarra. Corria então um ar fresco humido; da rua vinha um cheiro cru de terra molhada, a mercearia defronte projectava na lama dois rectangulos de luz, onde passava a miudo a sombra do marçano que vinha aos barris da porta encher cartuchos; defronte na agua-furtada das velhas, sombras de perfis de narizes aduncos e queixos esguios projectavam-se nas cortinas de cassa

branca da luz de dentro.

Pela rua adiante os candieiros rareavam com uma luz amarellada, que se reflectia tremula pelo chão abaixo nas poças batidas pelo vento.

E dezembro chegára na monotonia d'aquelle tempo. Um inverno continuo de intermittencias velhacas. Quando o sol reverberava um pouco nas ruas molhadas o water-proof punha-se de parte, deixavam-se estorcer em epilepsias capri-chosas as galochas humidas, e saía-se leve, tentando enganar o tempo. Então nuvens que se alastravam com esbatidos franjados desabavam repentina e ferozmente com a insolencia de uma pirraça. E as tardes succediam-se com abertas largas, permittindo com a inducção das antecedentes um affoitamen-

to de galochas e water-proof.

Ao fim de uma d'ellas, n'um sabbado, sairam os tres. Desceram a Valle de Pereiro, escurecia depressa. No cimo da avenida as escavações barrentas e o aterrado de lixo faziam

um mar de lodo sujo e desigual.

Esqueletos amarellados de casas estendiam barrotes humi-

dos, pingando ainda. Palravam—periodos incompletos, banaes, interminados ás vezes, no soprar de uma fumaça.

Mais em baixo, a avenida estendia-se symetrica nos passeios de beton, os candieiros alinhavam-se com pontos vermelhos de estrellas, e ao fundo o monumento dos restauradores estampava-se nas nuvens cinzentas como uma sombra de pastel gigante no fundo despolido de uma montra.

-Então saíram com este tempo!

-Táo sós! -Pst! olhe cá!

E duas raparigas que passavam depressa, gargalharam troçando, lá longe.

Cómeçou a pingar uma chuva miuda, peneirada. Estavam ao pé da Conceição Nova n'aquelle passeio sem destino, subiram a calçada de S. Francisco e pouco a pouco a chuva engrossava mais.

-Mettamos-nos n'uma escada-lembrou um.

— Mas de um lado o muro corria sempre, e em frente d'elle acasas altas de janellas pequenas tinham as portas estreitas fachadas!

Continuaram adiante. Na rua do Ferregial, os portaes dos vastos palacetes grandes resplandeciam illuminados, e os guardas portões de immensa sobrecasaca, olhavam pachorrentos o cair da chuva.

O vento que soprava trazia lá de longe um bater estrondoso de palmas, compassado. A chuva engrossava sempre e fus-

tigava-os batida pelo vento.

E á medida que avançavam o som do palmear estrepitava mais, às baforadas, modulado pela força do vento. Ao mesmo tempo uns gritos agudos, prolongados, uns «olé!, olé!» sobresaiam no meio d'aquelle palmear. E na primeira travessa que encontraram á direita tornou-se-lhes então evidente: um canto alegre, um taquear barulhento e o palmear compassado e secco. Arsaldo Fossica.

(Continua)

ROMANTISMO E PESSIMISMO

EXCERPTO

Gustavo Flaubert, um romantico por indole, enxertado n'um severo analysador, escrevia na sua mocidade a um amigo dilecto:

«Já reparaste como vivemos fadados para o infor-

tunio?

Flaubert formulava assim, no desafogo de uma alma precocemente fulminada de desalentos, o presentimento nostalgico do profundo e assombroso

drama moral da sua epocha.

Todavia, se a allucinação romantica lhe surprehendêra os primeiros estos da mocidade, o seu grande espirito, a sua superior penetração e audacia de psychologo restituira-lhe bem cedo a força necessaria para encarar friamente o problema da felicidade morál, nas suas relações complexas e nos seus aspectos intimos, destacando-se heroicamente da legião dos revoltados inconscientes á Byron, á Leopardi, á Musset.

A geração romantica que baptisára o seculo nascente com a blasphemia sceptica do tedio e do desalento, essa poesia impia que instillára na alma moderna os suaves venenos da negação, fôra como que a tragica vibração, galvanisando o espirito derrancado pelo desespero e pela fadiga das fugazes visões e dos

ideaes desfeitos.

Se, porém, para elles, os Prometheus do romantismo, a miseria do destino humano deveria ter sido um horrendo phantasma e um pesadelo atroz, que desoladora angustia não seria a do pessimismo critico, reflectido, rigorosamente experimental de Flaubert, o observador lucido e pertinaz, que assesta o seu poderoso telescopio para o amplo e mysterioso universo da consciencia íntima, onde o en na contemplação de si proprio desvenda as leis inflexiveis da humana e fatal impotencia!

Por isso o nihilismo de Flaubert infunde o vago encanto de uma emoção fulminante, transportando subitamente o homem superior á rude condição da sua miseria real, e mostrando como as miragens insidiosas da perfeição ideal, convertem o liberto no escravo, e perante o egoismo de personalidade tornam grandioso o supplicio d'aquelle que se lança de olhos vendados na vertigem insaciavel e eterna da posse de si mesmo.

Como é, no emtanto, que após alguns seculos de progresso scientifico, de cultura moral e social, de vasta e prodiga fruição de gosos e bem estar, quando justamente o homem se desvanecia de haver despedaçado para sempre a pesada, a vil grilheta da animalidade, quando se proclamava um demiurgo supplantando o cosmos da natureza com o cosmos da civilisação, como é, que o heroe, o titan em vez de repleto de jubilos e glorias, resvala arquejante, allucinado, preso de insondaveis agonias, no nirvana da desolação e da descrença?

Foi o romantismo, foi a chimera das visões febris, que gerou essa nevrose assoladora, fulminante, devastando a alma de umas poucas de gerações em

soluços olympicos de dôr.

E a essa alma, minada de ferozes desesperos, que Musset e Boudelaire fazem exprimir a sinistra eloquencia das suas macabras maldicões.

Et moi, le vieil fils du doute et du blasphème, ex-

clamava Musset.

E na propria escandescencia morbida da tortura, que a alma romantica, vae procurar o tragico goso, a fascinadora volupia das sensações destruidoras!

Eis-nos, portanto, em face do personagem reinante, de Taine, do homem differente, de Stendhal, do filho do seculo, do decadente, do individuo humano tal qual o têem produzido as antinomias e os contrastes da civilisação presente

Estudar a influencia d'essas antinomias e d'esses contrastes, as origens e manifestações d'esta poderosa crise moral, e os seus effeitos mais dominantes,

tal é o nosso proposito.

Tal será o assumpto dos seguintes capitulos d'este modesto livro.

Dos Ensaíos de Critica e de Analyse Contemporanea.

DOLORA

Era loira, era linda a minha amada,

—Um coração cheio de sol e aurora,

Nos seus olhos radiava uma alvorada,

Alvorada de luz, encantadora.

Como eu vivi a vida descuidada N'esse intenso prazer que tive outr'ora, De amal-a tanto; — mas, morreu! — agora Do seu corpo gentil não resta nada!

Loira,—ao morrer seu lábio rubro e lindo Entreabriu-se como que sorrindo Para a nossa paixão mysteriosa,

Sempre a sorrir, levaram-n'a p'ra longe -E a minh'alma hoje é triste como um monge Na sua escura cella silenciosa... IONACIO DA SILVA.



O CAMPINO

O CAMPINO

Não ha certamente um typo mais pittoresco, e ao mesmo tempo mais nacional que o da presente gravura. Quem escreve estas linhas é insuspeito, consignando aqui uma tal opinião, visto que, não morrendo de excessivos amores pelas touradas, um dos espectaculos em que o campino é parte obrigada, o não admira, com o mesmo intenso poder de concentração com que o fazem outros.

Não póde, porém, negar-se que ha muito de realmente embriagante e vivo n'uma festa d'essas, e com franqueza encanta olhar esse homem que a nossa vista encontra nas grandes lezirias, montado com uma elegancia nativa e manejando o pampilho-quando é preciso fazer entrar na ordem algum insubor-

dinado da manada.

Como assumpto, então, nenhum mais alegre, mais meridio-

nal e mais decorativo.

O trajo do campino é original e accentuado, tem uma côr sua, um ar proprio, inconfundivel e definido, finalmente é ca-

racteristico. Isto explica a predilecção que por elle têem os artistas e ainda ultimamente esse assumpto inspirava a um grande mestre da pintura contemporanea, que para ahi vive a vida mo-desta, despretenciosa e simples dos cenobitas e dos artistas, Silva Porto emfim,—uma das suas télas mais sinceras e mais verdadeiras, um pedaço de natureza interpretada e vivida com o religioso amor inigualavel de um extraordinario poeta das cores, e tocada da sensibilidade luminosa e doce de um verdadeiro artista. Já de certo perceberam que nos referimos aos Campinos, quadro que o grande paizagista deveria ter enviado ao Salon para gloria sua e nossa.

Não estranha, pois, que o illustre professor da academia, o sr. João Pedroso, a quem a gravura de madeira em Portugal deve alguns dos mais bellos specimens que podem saír de um buril, se captivasse igualmente do assumpto, produzindo assim um tão alto e tão delicado trabalho como o que hoje temos a

honra de offerecer aos leitores.

Acresce, porém, para nós o inexcedivel favor que o distincto artista se dignou dispensar-nos, concedendo-nos esse bello specimen além do que já publicámos em o numero anterior, e pondo á nossa disposição todas as suas notabilissimas gravuras.

No breve espaço de tempo que tem de existencia, A Im-prensa, conta ja obsequios de tal ordem, que nem toda a gratidão dos seus fundadores conseguirá amortisar sequer a divida com tantos contrahida, e que ainda agora avoluma com o generoso e delicado offerecimento do sr. João Pedroso, o qual quiz juntar-se a Caetano Alberto, um dos nomes a quem tambem já somos largamente credores.

Que ao menos nos seja permittido consignar aqui tantas e tão repetidas provas de inexcedivel benevolencia e de valiosa

coadjuvação.

SALAMANDRA

Salamandre, fr. - Salamander, ingl. Salamandra, Salamandria ou Salamanqueza, hesp. Salamander, allem .- Salamandra, ital.

SALAMANDRA DE AGUA—SALAMANTIGA —SARAMANTIGA DE AGUA tambem conhecida por LAGARTO DE AGUA OU TRITÃO (Lacerta palustris).

SALAMANDRA COMMUM, TERRESTRE OU VULGAR (Lacerta salamandra Lin., ou Sal. maculosa, Sal. vulgaris ou Sal. terrestris, Laurenti.

Vive nos sitios humidos, debaixo das pedras e debaixo dos troncos das arvores caídos no solo.

São escuras, com grandes manchas de bello verde; nos lados têem umas pequenas excrescencias ou tuberculos que segregam um liquido com cheiro acre, quando o animal se julga em perigo.

O TRITÃO de CRISTA OU SALAMANDRA DE CRISTA (Triton cristatus ou Sal. cristata, Latraille).

Um dos maiores da especie com 15 centimetros de compri-do. É escuro, com os flancos ponteados de branco e malhas negras na parte inferior. O macho tem uma especie de crista da cabeça à extremidade da cauda.

O TRITÃO PONTOADO OU SALAMANDRA PONTOADA (Triton punctatus ou Sal. punctata, Latraille).

6 a 8 centimetros de comprimento, a parte superior verde escuro, os lados de um branco azulado e na parte inferior malhas negras e redondas.

O Tritao palmipede ou Salamandra palmipede (Triton palmatus ou Sal. palmata, Latraille).

Patas posteriores com os dedos unidos por pequenas membranas. A parte superior cor de azeitona, a cabeça vermiculada de negro e pardo, os lados com as manchas escuras, e, sobre o dorso tres pequenas excrescencias

SALAMANDRA OCULADA (Sal. perspicillata, Savi).

Nas patas posteriores apenas quatro dedos. Oriunda dos Apeninos.

SALAMANDRA MARMOREA (Sal. marmorata, Latraille; Triton

Gesneri, Laurenti).

Manchas irregulares com colorido variado e sobre o dorso uma linha vermelha, que nos machos se torna saliente.

SALAMANDRA DE FLANCOS MOSQUEADOS (Sal. alpestris) Ventre cor de laranja ou avermelhado e uma facha de man-chas pretas muito unidas nos flancos.

Sal. plactydatyla, Cuvier. Do Mexico. Sal. scutata, Schlegel. Da America do Norte.

Da America do Sul:

Sal. venenosa, Dand., ou subviolacea, Barton.

Sal. fasciata, tigrina, erythronata, bilineata, rubra, Harl; variolata, Gilliams; japonica, Hourtin.

Ha um grande numero de especies espalhadas pelo globo, de que nem a minha competencia nem a exiguidade de espaço me permittem aqui dar uma pequena idéa; todavia, para os leitores que desejem conhecer estas especies mais a fundo, re-commendo: Le règne animal, de Cuvier, e o Dictionnaire d'histoire naturelle, de Obrygny, onde encontrarão já bastantes elementos.

Milne Edwards dividiu os batrachios em quatro ordens: 1.ª anuros;
 2.ª urodelos;
 3.ª perenni-branchios;
 4.ª cecilias.
 A salamandra pertence á 2.ª (urudelos), onde estão compre-

hendidos os batrachios que possuem cauda em todas as idades; no estado de adultos apresentam quatro membros e carecem de guelras.

As salamandras são, pois, reptis similhantes na fórma aos lagartos, com colorido mais ou menos variado, habitando algumas especies os sitios humidos, e dispensando a agua por muito tempo (salamandras terrestres), e outras tendo vida aquatica (salamandras aquaticas).

A cauda deprimida verticalmente em fórma de remo, ser-

ve-lhes de orgão de natação.

Encontram se nos rios, e principalmente nos logares som-brios das minas, escolhendo de preferencia os sitios onde as correntes se não fazem sentir.

São faceis de apanhar, porque nadam lentamente por meio de ondulações do corpo e da cauda; as patas de nada lhes servem para a natação, e o animal quando nada encosta-as ao corpo para que ellas offereçam a menor superficie possivel.

A fecundação dos ovos faz-se por meio do liquido espalha-

do pelo macho na agua, e que assim penetra no corpo da femea. Póe a femea os ovos nas folhas aquaticas e no fim de quinze dias nascem os filhos. A primeira idade é toda aquatica; o animal possue guelras que mais tarde se atrophiam, nascendo os pulmóes. Os membros nascem mais depressa que nos outros batrachios, sendo facil distinguir as salamandras dos outros girynos, porque com um tamanho relativamente pequeno já possuem membros.

Captivos difficilmente põem os ovos. Julgam muitos que este animal é venenoso, o que até certo ponto é verdade, mas não ha rasão para ser temido, porquanto veneno segregado, pela pelle, como no sapo, só produz effeito introduzido immediatamente na circulação e em quantidades proporcionaes ao tamanho dos animaes onde elle for inoculado, podendo, portanto, pegar-se-lhe com a mão sem receio de ficar envenenado.

Além d'isso não possue nenhuma arma propria para a introducção do veneno e, por isso, para destruir todos os effei-tos que o contacto nos possa causar bastará uma simples lava-

gem com agua.

Pondo-se uma salamandra sobre o fogo brando conserva-se algum tempo sobre elle sem morrer, isto devido á secreção da pelle, que produz o mesmo effeito que um panno humido tambem collocado sobre o fogo; d'aqui o dizer-se que a salamandra vivia no fogo.

Estes animaes, como muitos da sua especie e ainda de especie differente, como molluscos, arachnidios, etc., podem soffrer mutilações que causariam a morte immediata a outros e que passa para a salamandra como simples incommodo.

Affirmam auctoridades respeitaveis que, tendo sido aperta-do o pescoço a uma que quasi lhe ficou separado do tronco, continuou a viver sem dar mostras de ter soffrido tal operação. Contarei de passagem um facto acontecido commigo.

Fugiu-me um d'estes animaes para casa de uma vizinha que, pouco hospitaleira para peregrinos d'esta especie, a recebeu de pau na mão dando-lhe sem conta nem medida e atirando-a para a rua quando a viu sem movimento e julgou morta.

O epilogo foi presenciado por mim, que mandei apanhal-a,

O epilogo foi presentinato por filia, que mandet apanhara, confesso já sem esperança de a salvar.

Pois apesar de tão amavel tratamento continuou a viver muitos mezes e comendo com o mesmo appetite que d'antes. Apenas no dia seguinte á famosa tareia mudou de pelle!

Quando as salamandras são pequenas é necessario que nunca lhes falte alimento, porque se não poupam, comendo umas ás outras as guelras, as pernas e a cauda, o que todavia não impede de chegarem ao estado perfeito com todos os membros

Em liberdade alimentam-se de insectos e pequenos mollus-cos, captivos e na falta de insectos, com carne crua, partida em

pequenos bocados e queijo flamengo ou Gruyère Juntando no mesmo aquario salamandras grandes e pequenas, estas desapparecem, e só se poderão encontrar no esto-

mago das majores. De noite fazem ouvir um pequeno grito. Como têem mais movimento de noite do que de dia fogem dos aquarios trepando facilmente pelo vidro, sendo por isso necessario pôr lhe uma rede, assim como formar-lhe uma rocha ou pôr-lhe sobre a agua um pedaço de cortiça, para onde ellas gostam muito de subir e onde se conservam bastantes horas.

Vivem muito tempo sendo bem alimentadas, assim como podem tambem supportar longos jejuns.

João Rodrigues Ferreira.

DOIS NAMORADOS

O rapasito olha-a, fica a olhal-a, sem se mexer, encantado, com um sorriso nos labios.—Oh! como ella poisou a cabecita sobre o seu hombro

È uma creaturinha gentil, amoravel, deliciosa. Vestida de côr de rosa, o cabello em cachos de oiro, os olhos ternos e azues, a sua vista impressiona a nossa alma como a leitura de uma balada.

O rapaz é um poucochito maior.

Brincaram todo o santo dia; saltaram, correram, riram muito; e cansados e enternecidos pela bella tarde, sentaram-se á porta da ermida que fica no declive da collina.

A tarde vae adiantada: já os pinheiraes, ao longe, fingem cohortes guerreiras que tentam escalar as montanhas; e, em frente, por sobre as arvores, estende-se uma faxa de mar onde um vapor fuma docemente.

E, muito chegados um ao outro, o rapazinho murmura-lhe:

— Jura-me que nunca mais te deixarás beijar por nenhum homem, e principalmente pelo senhor delegado, que está sem-pre a pegar em ti ao collo e a dar-te beijos e beijos.

Mas a creaturinha não responde, e elle olha-a, e fica a olhal-a sem se mexer, encantado, com um sorriso nos labios.

Oh! como ella adormeceu serenamente sobre o seu hombro!

CREANCAS!

Como rosa a que pozessem azas ou avesita que pilhou a porta da gaiola aberta, a pequena corre, estrada fóra, a bus-

porta da ganda aberta, a pequena corre, estrada fora, a bus-car o remedio para a mãe que está doente. Leva os olhitos vermelhos. Chorou muito ao pé da cama onde a pobre mãe soffre tanto! Mas ella disse-lhe:—Eu não te morro, filhinha. O remedio que vaes buscar dar-me-ha logo saude.

como ella irá depressa para que sua mãe lhe não morra! Leva os olhitos vermelhos e corre, corre pela estrada, como rosa a que pozessem azas.

No caminho da um suspiro: -ai! como os passaritos cantam cá fóra e as borboletas brancas se beijam! Como o dia

está bonito, tepido, florido, e o remedio que vae buscar dará logo saude a sua mãe

A aragem affaga-lhe o cabello, e como avesita que pilhou a porta da gaiola aberta, corre, corre estrada fóra.

Lá deante encontra um amigo que, de sacca na mão, vae a choramingar para a aula.

-Olé, diz ella.

Olá, diz elle.

E contam as suas maguas. Ella tem a mãe doente, -coitadinha!-Vae pelo remedio à aldeia. Elle vae para a escola onde o mestre, o Coxo (ella conhece), o que tem oculos azues, dá palmatoadas e berra. E dizem ambos:
—Oh! que tristeza é a vida!

E por entre os dois infelizes passa uma borboleta iriada, espanejando as azas.
—Eh! Ih! Que linda!

Elle toma o chapéu, atira para o chão os livros, e zás-traz, corre, salta, apanha, apanha. Ella poisa a garrafa, tira o lenço,

pilha, pilha.

E la vão os dois, bosque dentro, donde sáe toda a manhã um alegre trinar de gargalhadas, porque só tarde se lembraram da mãe que espera o remedio e do Coxo, de oculos azues, que dá palmatoadas e berra.

Guilhermae Gama.

DOIS LIVROS NOVOS

Serenatas, primeiros versos, por João Saraiya

PROSAS SIMPLES, por Guilherme Gama

È para mim um momento alegre aquelle em que que posso deliciar-me na leitura de um livro bom . . e portuguez. Andam por ahi os maldizentes a detrahir-nos tão a miude, porque não produzimos uma obra prima por dia ou por hora, que é sempre agradavel confundil-os uma ou outra vez, mostrando-lhes um volume interessante.

Pelo menos commigo dá-se isso, e deu-se agora mesmo ao ler as Serenatas de João Saraiva e as Prosas Simples de Gui-

lherme Gama.

Quanto ao primeiro, receio leitor, que tú não sympathises desde já com elle, por ser um poeta... em verso, pelo que me dirigirei antes a ti, leitora. Com effeito, ao que se ouve dizer, parece que a epocha não está para versos e que a poesia vae passando de moda.

Eu não quero, porém, crer em tal, e sempre que podér não só irei perpetrando a minha quadra, mas, o que mais me seduz, irei lendo as que outros forem fazendo. E eis ahi por que percorri com um enthusiasmo natural e li com uma unc-ção quasi religiosa, esse bello volume de João Saraiva, onde ha talento de sobra para dois poetas quanto mais para um, e onde as scintillações faiscantes da rara pedraria artistica que o meu amigo lá enquadrou, tanto fazem destacar o seu perfil sympathico e elegante.

Fujo naturalmente ás exigencias e responsabilidades de uma critica, que não sei nem posso fazer, para em troco deixar aqui a impressão pessoal do meu espirito em presença d'esse aqui a impressão pessoal do meu espirito em presença d'esse bello escrineo, e por consequencia fujo tambem a classificar o poeta em qualquer das escolas que para ahi trazem o pavilhão desfraldado, cousa que me seria sobremaneira difficil, porque quanto a mim João Saraiva não se adapta ás classificações. Espirito independente e original, vindo de si proprio, não obedece a um ideal determinado.

É um lyrico? E. Mas de que qualidade? Será um subjectivista, um pantheista, um naturalista, um humanista, ou qualquer outra cousa terminada em ista? Não o saberei dizer. Pade bem succeder que seja qualquer d'estas cousas ou todos

Póde bem succeder que seja qualquer d'estas cousas ou todas ellas ao mesmo tempo, porque, acima de tudo e alem de tudo, elle é um poeta.

Por mim, se me passam o termo, chamar-lhe-ía um *descri-*ptivista, por ser realmente na descripção que o seu fresco e

vivisssimo talento melhor se accentua.

Certamente que quando elle quer sentir e pensa em dizer alguma bella cousa a uma bella mulher, ou em dar-nos a nota de alguma dor que perpassou rapida na sua alma serena de sonhador, tambem sabe fazel·o; mas é sobretudo quando nos pinta uma paizagem, quando nos desenha um aspecto ou nos mostra um panorama que o seu pincel encontra esses tons humanos e quentes, que a sua lyra acha essas notas vibrantes e fortes, que nos dão logo a sua personalidade de poeta.

Eu podia exemplificar, mas não tenho tempo nem espaço, e simplesmente te vou dar, leitora, um ligeiro spécimen do que são e do que valem as Serenatas. Passando em claro versos todos elles magnificos pela factura, -de uma perfeição desesperadora n'este galante rapaz que ainda agora começa, segundo elle diz- e em geral graciosos e distinctos pela idéa, offereço-te, boa amiga desconhecida que porventura me leias,

SONETO BRANCO

Ao pôr do sol as pombas virginaes ruflando as pennas brancas nos eirados, passam ligeiras nos seus vôos rasgados a recolher em bandos aos pombaes...

Ondula em torno a sombra dos trigaes... e alguma pomba que ficou nos prados procura, triste e a arfar nos descampados, as companheiras que voaram mais...

Bem como a neve esfarrapada aos ventos vão pennas brancas fluctuando aos centos que ellas deixaram, recortando os ares...

Ondula a seara n'uns murmurios brandos... as pombas entram nos pombaes em bandos e o sol mergulha na amplidão dos mares.

Dize-me se nos teus poetas favoritos, e não só nos portu-guezes, mas nos allemães, nos frâncezes, nos inglezes, nos italianos ou nos hespanhoes, conheces no genero alguma cousa superior a elle.

Pois alem d'esse soneto podia ainda apontar-te outros primorosos quadrinhos d'este miniaturista da palavra; mas cito-te

só mais esta

DOLORA

As minhas illusões vejo-as, magoado, como quem deixa ao longe os seus parentes vé desenhar-se em rolos transparentes o fumo do seu lar abandonado!

E se cansado, ao regressar, procura o pae, a mãe, a amada e os seus amigos, descansa tudo á sombra dos jazigos na inquebrantavel paz da sepultura...

e, terminando, a

PRIMAVERA

Quando ella esparge os seus cabellos d'oirr sobre a montahlia, os gelos diamantinos fundem-se logo em velos crystallinos e o sol respiende no seu disco loiro!

Sobre os doirados fios do cabello passa a torrente dos crystaes desfeitos! e ella espremendo a turgidez dos peitos, transforma em rosas o crystal·do gelo...

Do céu lavado, olympico e distante, o disco loiro vae no azul subindo! e vê-se, ao largo sobre o mar surgindo as andorinhas n'uma fita ondeante...

Mas convertendo os ultimos crystaes em jorros d'agua limpida e sonora, a primavera que palpita e córa, torce os cabellos d'oiro nos rosaes...

Não me preoccupa a idéa de ter citado o melhor, porque, como disse, não só eu não estive aqui fazendo uma critica, mas alem d'isso não queria antepor-me ao teu gosto, leitora: simplesmente me parece que um livro onde ha versos como estes, afora a Hebreia, as Nupcias e o Fragmento, soberbas estes, atoli a 1720 etc., as 1740 etc., as 1 embora modestamente se condecore com o epitheto de principiante, é realmente um verdadeiro e finissimo poeta, digno de occupar na estante das pessoas de gosto o logar que el-las só concedem áquelles que realmente trazem em si alguma cousa de dominador e de bello...

E agora que disse de um poeta em verso tudo o que me exigia a consciencia, resta-me fallar de outro poeta em prosa. Guilherme Gama.

Entre a alluvião sempre crescente de contistas portuguezes, onde alguns nomes conseguem já formar brilhantemente ao lado dos mais notaveis lá de fóra, Guilherme Gama vem marcar um logar à parte e um logar distincto, accrescente-se.

São realmente de um encanto particular e indefinivel as suas Prosas simples, onde ha um pouco de tudo; desenhos, esboços, pinturas, threnos, canções, mas onde ha sobretudo muita poesia da sentida, da verdadeira, muita elegancia de phrase e um estylo delicado e original, deliciando pelo imprevisto e pelo gracioso, e por um não sei quê de inconfundivel, que dando-lhe um cunho individual, faz com que nós não pensemos em buscar ascendencias onde filiemos o auctor.

Aqui e ali alguma reminiscencia passará, acaso, de uma ou outra leitura, mas tão vaga, tão esbatida, que por mim não dei

por ella, e quero crer que a mais alguem succederá o mesmo. Em compensação o que todos veem é a absoluta independencia do auctor em questões de estheticas e de processos, a sua maneira pessoal de escrever e de referir, a sua fórma por vezes tão pittoresca e tão nova, e sempre uma linguagem portugueza e natural, fugindo aos moldes de qualquer figurino de occasião.

Eu precisava, é claro, reforçar isto com provas, porque não tendo, e ainda bem, adquirido a auctoridade infallivel de um pontifice, quem me ler, não conhecendo o livro de que fallo, pode duvidar; para de certo modo obviar, porém, a esse inconveniente, é que me permitti transcrever os dois contos que o leitor hoje verá, esperando que o auctor levará a sua condes-cendencia ao ponto não só de tolerar estas linhas de um ca-marada obscuro, más de desculpar o roubo que fiz ao seu livro, a que por honra da litteratura portugueza auguro um completo e gloriosissimo successo.

Ahi ficam as impressões dos dois trabalhos, impressões desauctorisadas, mas sinceras, pois que ao auctor de um dos livros nem eu sequer conheço, e quanto ao outro elle bem sabe que não entra nas minhas palavras a menor lisonja ao seu talento, que antes de ser admirado pelo grande publico, já

era por mim saudado sem reservas.

Agora uma referencia ao leitor. Póde succeder que elle ache hyperbolicas as expressões de sympathia e admiração que estes dois livros me dispertaram, mas tenho simplesmente a obtemperar-lhe o seguinte: é que mão só eu não exagero, apesar de meridional e peninsular, mas alem d'isso é para mim convicção arraigada que o elogio, mesmo quando elle seja demasiado e extremo, só prejudica os imbecis; o verdadeiro talento é, elle proprio, essencialmente, fatalmente progressivo, e por isso não conseguirão annullal-o as lisonjeiras expressões de jubilo que um ou outro espalhe na sua passaexpressos de proprio está a crifíca constante do trabalho que vae produzindo, critica que melhor do que nenhuma o fará levantar-se até onde ella possa fazel-o.

Dizendo que Guilherme Gama e João Saraiva pertencem ao numero d'esses onde o talento é d'esta natureza, escuso contento de dizer mais para instificar a migha admiração paloe.

portanto de dizer mais para justificar a minha admiração pelos seus livros. APPONSO VARGAS.

ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA LISBONENSE E ARTES CORRELATIVAS

· BALANCETE DA RECEITA E DESPEZA NO 1.º TRIMESTRE DE 1886

RECEITA

Saldo do anno anterior. Em títulos de divida publica — valor nominal	6:800⊅000	385\$392
Quotas (4:961) Joias Donativo dos editores do jornal — A Imprensa Juros de quantias depositadas no monte pio geral	3965880 225920 35700 5195	423&695 809&087
DESPEZA		8003087
Subsidios a enfermos e inhabilitados. Pago ao hospital de S. José pelo tratamento de dois Despezas com os funeraes de fres socios fallecidos. Indemnisação paga á familia de um socio. Ordenado ao facultativo — "o trimestre. Dito do continuo—idem. Percentagem ao recebedor. Pago á typographia da Viuva Neves pela impressão de recibos de quotas. Custo de 13 folhas para descarga de quotas. Despezas diversas.	3273820 233280 673500 103000 373500 43500 333582 43680 3325 13270	
Saldo que passa ao seguinte mez. Em titulos de divida		5102457
publica - valor nominal	6:800,5000	2983630

IMPRENSA NACIONAL